

Comunicação e Mestiçagem

Paulo-Edgar Almeida Resende¹

Diante do desafio posto pelas novas tecnologias de comunicação e informação (TCI), propomos algumas considerações sobre conseqüências e desdobramentos possíveis para a relação entre as nações. Buscaremos problematizar as categorias de *identidade*, *multiculturalismo* e *tolerância* como sendo insuficientes ou inadequadas para se afirmar a relação democrática entre os povos na atualidade. Mais ainda, julgamos que elas longe estão de ser antídotos eficazes contra afirmações hegemônicas e uniformizantes de um lado, e contra fundamentalismos, relativismos e nacionalismos de outro. A própria noção de *cultura* está em causa, dada sua pesada herança positivista, cuja visão linear do tempo, cuja ótica evolucionista ocidentalizante mal se sustentam diante de intensas trocas que, em vários níveis, colocam-nos, sucessiva e infindavelmente, em rede de relações. Ao invés do *déjà vu*, do idêntico, a dinâmica fundamental das mestiçagens é colocada em contraposição ao filtro sedutor, mas redutor, dos padrões culturais, das identidades, e das tolerâncias. Trata-se de nossa velha conhecida, a mestiçagem de corpos, mas sobretudo cabe falar hoje, mais do que nunca, da mestiçagem de representações, de códigos, de práticas, de gostos, de crenças. A criatividade local, regional passa por aí e se afirma não como entrave, mas diferencial, valorizado para a inserção positiva na realidade internacional mais ampla.

TCI: o fragmento que contém o todo

Pela trilha das artes, encontramos pistas para a compreensão do atual processo de construção da sociabilidade, dada a ampliação de oportunidades de comunicação e informação entre pessoas, entre povos, não importam distâncias, que antes os separavam, hoje radicalmente recalculadas e deslocadas do âmbito geográfico. Operam-se desterritorizações, e emergem novas formas de conectividade social.

Os artistas não criam a rigor nada, antecipam-se, porque sentem antes. Dão forma artística e criativa ao que ocorre enquanto matéria bruta, em processo de auto-contaminação e transbordamento. Foi dito de *Baravelli*, o que é característica de todo grande artista, a circulação em zonas limítrofes,

¹ (Professor do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais, área de concentração em Relações Internacionais - PUC/SP; membro efetivo do Grupo de Análise de Conjuntura Internacional do IEA/USP; autor de *a República sem Povo* - EDUC e várias obras coletivas recentes como *Proudhon – Ática*; *Desafios da Globalização – Vozes*; *Globalização, Regionalização e Nacionalismo* – UNESP; *Modernidade – globalização e exclusão* – Ed. Imaginário).

com ampla liberdade de atravessar fronteiras de *idades sem solo*. Assim, *ele consegue ser...um pouco filósofo, sociólogo ou antropólogo. Suas obras configuram-se como matéria prima para a abordagem das ciências humanas, tornam-se dados sensíveis para melhor compreender e explicar o mundo*². *Domenico Calabrone*, um dos precursores da *arte fractal* no Brasil, divisa o acompanhamento inconsciente do desenvolvimento da ciência no movimento artístico internacional, de que participa³. *Cézanne* se considerava a *consciência da paisagem que se pensa*.

Para ficarmos no Brasil, *Oswald de Andrade* nos propõe, no *Manifesto Antropófago*, a perspectiva de invenção da cultura brasileira, em diálogo com o mundo contemporâneo, contra todos os importadores de consciência enlatada. Divisamos em suas estocadas nas rotinas de pensamento a afirmação das *diferenças abertas*. Apresentado pelo editorialista *Antônio de Alcântara Machado*, da revista *Movimento*, o *indianismo*, com a licença permitida aos artistas, aparece como *prato de muita sustância... O antropófago come o índio e come o chamado civilizado: só ele fica lambendo os dedos*⁴. A bossa nova altera a maneira tradicional de tocar samba de músicos amantes do jazz, como *João Gilberto* e *Tom Jobim*. Logo após, eclode, com guitarras elétricas, o tropicalismo. Funde MPB com rock, pop e ritmos afro-latinos. Em mostra recente, *Nelson Leirner*, literalmente, espelha sua obra e a intitula *Você faz parte*, e, de fato, você a olha e se vê nela. *Albano Afonso* digitaliza, amplia e perfura a *Viagem à selva tropical brasileira* de *Rugendas*, cria espaços de preenchimento com clássicos da pintura. Resulta de seu procedimento artístico a terceira imagem, complexa, aberta a interpretações⁵.

Temos aí, portanto, a inspiração para defrontar-nos com a agenda das ciências sociais contemporâneas diante das novas TCI.

A agenda acadêmica das Relações Internacionais diante das TCI

No âmbito das Relações Internacionais, entendidas como confluência de saberes, a reificação institucional das relações internacionais, na rotina acadêmica clássica, assume, unilateralmente, o agente estatal, e suas intervenções várias e tentaculares. Fica aí patente a desatenção com o conhecimento de realidade mais ampla, mais complexa, que não cabe mais dentro da disciplina especializada clássica, necessária, mas insuficiente. Se a

² CHAIA, Miguel. A cidade sem solo: um olhar de Baravelli. In Margem, SP, PUC/EDUC. no. 5, 1996, pág. 110.

³ FSP 4/11/99, Folha Acontece, pág.1.

(A arte fractal busca expressar descobertas científicas sobre geometria fractal, segundo a qual qualquer fragmento no universo contém sempre o todo).

⁴ MARTINS, Wilson. História da Inteligência Brasileira. SP, Cultrix / Ed. USP, 1978. Vol VI, pág. 431.

⁵ MONACHESI, Juliana. Artistas relêem os clássicos. Folha de São Paulo, 21.10.99, pág. 4.3

guerra, como já foi dito, é assunto demasiado sério para se tornar matéria exclusiva de generais, a compreensão da realidade mundial tampouco cabe dentro dos estreitos limites da disciplina estatista. O estado continua bem presente na realidade contemporânea, mas novos sujeitos internacionais coletivos escapam de suas garras e estabelecem redes próprias de comunicação. Neste novo contexto, analiticamente, o trabalho em equipes multi e transdisciplinares é mais capaz de acompanhar a construção dos novos fluxos de sociabilidade, para além de cimeiras, de polarizações nacionais e interestatais. O mesmo valeria dizer com relação a especialistas em comunicação, cujo campo de estudo é enriquecido com aportes vindos das mais variadas áreas de saber, embora isto possa causar a alguns desconforto, dado os velhos hábitos, arraigados na Academia.

Em profundidade, o homem contemporâneo, portador das dinâmicas tecnologias de comunicação e informação (TCI), coloca-se diante de desafios, e os enfrenta, sem que as soluções buscadas se esgotem no âmbito de iniciativas estatais ou oficializadas. Novos agentes em cena, novos meios que potencializam relações por fora das crostas identitárias estatais, elas mesmas revisitadas, na perspectiva de gestão sanção de interesses e aspirações internacionais e transnacionais. As embrionárias, mas enérgicas, comunidades de *minorias cosmopolitas*, das mais variadas tendências, estabelecem relações, na margem do sistema, transgredindo fronteiras tradicionais. Vejam-se os temas, socializados pela mídia, da ecologia, da biogenética, dos direitos de gerações sucessivas, do narcotráfico, do terrorismo, das migrações, da enorme gama de movimentos libertários. Encontramo-nos diante de processos de desterritorializações, que nos desafiam a traçar nova cartografia planetária. Flexibilizam-se fronteiras, negam-se ou redefinem-se pertencças, misturam-se lugares; conectam-se culturas que mutuamente se afetam - no sentido deleuziano - subvertem-se cobranças sociais, estabelecem-se novas confluências, que, não registradas, conduzem a descritivismos político-institucionais, com a pretensão de serem tarefa acadêmica acabada, como se fôramos diplomatas, antigo modelo.

Pulsam nestas itinerâncias e nomadismos, simultaneamente, potencialidades, fragilidades e incertezas, sobre as quais já dissertara *Nietzsche*, que nos convida a viver perigosamente, inclusive na vida acadêmica, em meio às tentadoras propostas de estabilidades, sedentarismos, ortodoxias e posturas clássicas.

Os avatares da identidade

Pela via cumulativa do aprimoramento e ampliação do âmbito dos meios de transmissão dos códigos sociais, fabricam-se o homem antigo no seu

local, o homem moderno na sua nação, o homem contemporâneo no planeta-terra, pela combinação de regras de comportamento econômico-político-social-cultural. São roteiros de vida hipostasiados em corpos, gestos, discursos e desejos, que circulam em rede, enquanto efeitos de poder. Por essas vias identitárias *des mots et des choses*, formam-se a vontade única, o corpo único, movidos pelo espírito de senhoria, soberania ou hegemonia. Evitam-se escrupulosa e energeticamente contaminações ou resistências. Nos processos de sujeição à identidade oficializada, o poder circula em cadeia, funciona em rede. Passa pelos indivíduos e circula pelas extremidades. Em suas últimas ramificações, torna-se capilar ⁶, exercendo-se na redes da disciplina ou do controle. Os indivíduos, embebidos de identidade oficial ou hegemônica, adquirem a condição de transmissores de poder, e é por onde o poder passa com mais efetividade, insidiosamente. Com *Mary Douglas*⁷, podemos dizer que as *instituições pensam*, comandam a memória coletiva. As Tradições Locais, os Estados Nacionais ou a Hegemonia Imperial nos impõem determinada língua, representações enquanto imagens, maneiras de raciocinar, de decidir, de vestir e de gostar, a idéia de justo e de injusto, de verdadeiro e de falso.

A naturalização das diferenças sociais legitima o agrupamento humano enquanto organismo, enquanto corpo, com membros inferiores e membros superiores, com o embaixo e o encima, o nascer predestinado ao mando, e o nascer predestinado à subserviência⁸.

Nos começos da modernidade, tal sofrido processo de construção da sociabilidade passou pelo tratamento de choque maquiavélico-hobbesiano, no sentido de desvelá-lo, concebê-lo em seu curso real. A historicização da sociabilidade foi assumida no preciso instante em que a verticalidade da ordem antiga pre-capitalista, em seus vários formatos, fora repostada de forma bastante complexa e de âmbito acrescido.

A fronteira nacional foi a grande invenção do homem moderno, compatível com o acrescido estoque dos meios de comunicação de que ele passa a dispor. *Maquiavel* procedeu à vigorosa secularização da interpretação da ordem social. *Hobbes*, lido além da má aparência do *Leviatã*, colocou-se diante do impasse do individualismo possessivo, comprometedor da vida.

Temos aí configurados delineamentos da comunicação no âmbito de agrupamentos hierarquizados. A quebra da multiplicidade de pertenças no interior do território nacional se fez, e ainda se faz, a dano de particularidades,

⁶ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 3ª ed., RJ, Graal, 1982. Pág.183.

⁷ DOUGLAS, Mary. *How Institutions Think*. NY, Syracuse University Press, 1986

⁸ SCHLANGER, Judith. *Les Métaphores de l'organismes*. Paris, Vrin, 1971.

a crédito da homogeneização da vida, entoada em um único hino, colorida de uma única bandeira, movida por uma única paixão.

A este contratualismo societário, desmistificador do comunitarismo organicista, cabe-lhe o batismo da *tolerância*, categoria fundamental para que os diferentes convivam no mútuo respeito. A *tolerância* é postulada como sinônimo de condescendência ou indulgência com quem não partilho idéias, atitudes, não me cabendo reprimi-las ou condená-las. Trata-se do *estranhamento polido* de que fala *Ervins Goffman*.⁹ Sociologicamente, a noção faz referência ao reconhecimento do direito de manifestação de opiniões, crenças, condutas. É a admissão do pluralismo, do esforço de organização da vida em sociedade, em bases comuns, respeitadas as tendências diferentes. Segundo *Sartori*¹⁰, a tolerância não significa indiferença, desinteresse, nem relativismo enquanto abertura a todas as visões: A tolerância é tolerância precisamente sob a suposição de que temos crenças, e as julgamos corretas, concedendo aos demais o direito de ter crenças equivocadas.

Em suma, tolerância é categoria forjada como sinônimo de *the right to be different*, do que se crê, na literatura clássica, advirá a paz. Divisamos aí a democracia, em estado minimal, na relação entre indivíduos, entre estados. Trata-se de encontro contratualístico, de negociação, de comunicação respeitosa.

Mas a convivência, à base da tolerância, é vizinha próxima, por sua própria definição, de preconceitos, de sutis assimetrias.

O *multiculturalismo*, termo controverso, tem aí sua base de explicitação. Abarca garantias de preservação do múltiplo. Seus apologistas o vêm sob a forma de luta contra o *uno*, o *euro* ou o *westcentripetismo*. contra as macroetnias metropolitanas, na relação com etnias espúrias de áreas coloniais ou hegemônicas do Ocidente. Atualmente, no mundo acadêmico, trava-se importante debate, com ressalvas a tal orientação. Abrem-se novas perspectivas ao *Pensamento Mestiço*¹¹, herdado dos movimentos do *Canibalismo* de início do século e da *Antropofagia* de *Oswald de Andrade*. *Tupi or not tupi* é posto como o dilema do mundo contemporâneo. .

A categoria de *identidade* aponta diretamente para a permanência de determinado modo de ser. Em *Hegel* é referência à autodeterminação como representação e como expressão. Tensionada, dialeticamente, para dar conta de *múltiplas determinações em curso de identificação*, a categoria, no mínimo, fragiliza-se, embora evita, em parte, a crítica que aqui lhe fazemos. Com

⁹ GOFFMAN, Ervins. Behavior in public places NY, Free Press, 1963.

¹⁰ SARTORI, Giovanni. Partidos y sistemas de partidos. Madri, Alianza Editorial, 1994, pág.114.

¹¹ GRUCINSKI, La Pensée Metisse. Paris, Fayot, 1999. *Catherine Wintol de Wenden* em conferência recente aos alunos da PUC/SP em 6/07/99 dissertou na mesma direção.

efeito, *Bader Burihan Sawaia*¹², na tentativa de conciliar *o estar homogêneo e o ser polissêmico*, nas pegadas de *Boaventura de Souza Santos*, fala de *identificação em curso, encontros crioulos entre diversidades, ou encontros mestiços entre diferentes, identificações crioulas*, que se antepõem à *identidade clichê*. Se bem a interpretamos, na melhor das hipóteses, somos dotados de uma série de identidades que se entremesclam. Michel de Montaigne, em seus *Essaios*, chega então à conclusão de que *Um honnête homme, c'est un homme mêlé*¹³

A ghetização: the Rest in the West

Na Europa Ocidental, nos Estados Unidos e Canadá, temos situação assaz complexa. Como anota *Pierucci*¹⁴, o Ocidente se defronta com seu *outro cultural* em seu próprio território, dentro de suas próprias fronteiras geográficas, contrariando a tese do choque de civilizações, *ersatz* da bipolaridade. O leque das diferenças culturais está à disposição do consumidor ocidental. A globalização não apenas coloca o centro na periferia, mas também *the Rest in the West*, de forma intensificada com relação a situações anteriores. A oferta gastronômica é expressão disto.

Mas este multiculturalismo ganha foros de ghetização para as diásporas de migrados comunitários e extra-comunitários das ex-colônias. Os partidos europeus de direita apelam para o multiculturalismo em direção contrária à de integração. Tendo como critério a origem das pessoas, a integração é etnizada. Surgem quarteirões ou bairros étnicos. Em Paris, *Porte d'Italie* é bairro chinês, *Barbès* era bairro argelino, tornou-se africano, com lojas de tecidos africanos. Na periferia de Paris, calcula-se que a metade da população é de estrangeiros, com grande número de jovens. A outra metade é a de franceses velhos e pobres. Há uma hierarquia na reorganização do trabalho. Os portugueses se destacam na construção civil. A contrapartida de enfrentamento dos preconceitos, de parte dos migrados, sem passagem de volta no caso sobretudo de africanos, é a de adoção de identidades defensivas transnacionais.

Países da Comunidade Européia buscam o difícil consenso sobre diferentes formas de integração, com a representação e participação dos estrangeiros comunitários e extra-comunitários. Na Europa mais desenvolvida, o multiculturalismo evoca o comunitarismo exacerbado, a juxtaposição de ghettos culturais¹⁵. Desde 1981, verifica-se a intensificação do

¹² SAWAIA, Bader Burihan. *À temporalidade do agora cotidiano na análise da identidade territorial* In *Margem. SP, EDUC, no5, 1966 pags 81-95.*

¹³ MONTAIGNE, Michel de. *Essais*, III, ix, p.222. Paris, Ed. Pierre Michel, 1965.

¹⁴ PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. SP, Editora 34, 1999, pág 170.

¹⁵ MARTINIELLO, Marco. *Sortir des Ghettos Culturels*. Paris, Presses de Sciences Po, 1997, pág.11.

associacionismo, com a ampliação do número de associações de estrangeiros, que postulam o reconhecimento de direitos culturais, com a preservação de línguas e culturas regionais. Em 1992, O *Tratado de Maastrich* – art. 8 trata da cidadania na União Européia, que desafia definições clássicas. Trata-se de projeto novo de cidadania de atribuição, de reciprocidade, sendo que o direito que se dá a cada um é recíproco. São previstos os direitos de circulação, de moradia, de instalação, de trabalho, de votar no Parlamento Europeu, de recurso à Corte Européia de Justiça contra seu próprio estado. Mas esta cidadania está ligada à cidadania nos próprios estados. A realidade assimétrica dos estados europeus desconhece grande parte destas formalidades. Há hierarquizações, sociedades com dupla velocidade, gerando resistências, identidades rebeldes à identidade européia na direita. Nas escolas, a exaltação de heróis, nomes das ruas são quase todos nacionais. Cabe portanto inventar a Europa transnacional, o que não é tarefa fácil nos moldes do contratualismo clássico, transposto do âmbito das relações internas às relações entre estados soberanos.

Com efeito, *mutatis mutandis*, na seqüência de tratados internacionais, partiu-se na modernidade do pressuposto das múltiplas independências, em que cada uma se preservasse em seus códigos, enquanto mônadas. O *Congresso de Vestfália* em 1648, primeiro grande foro internacional, estabeleceu *a raison d'Etat* sobre o *imperium universal*. É o frágil estabelecimento da negociação entre estados soberanos, chamados a ceder vez, no século 19 e 20, à relação entre estados sob controle de grandes potências, prática expressa enquanto *Concerto Europeu* pelo Congresso de Viena em 1815, *paz de Versalhes de 1919* ou *Conferência de São Francisco* em 1945. A *ONU* emergiu em tal contexto, e, até o presente, não prescinde do controle das grandes potências, com direito de veto em seu Conselho de Segurança.. Pelo número dos grandes foros em 4 séculos, realizados após guerras, com sinalização dos vitoriosos, pode-se concluir pela carência do imaginário simbólico de paz entre as nações. A paz tem sido conquistada por meios bélicos, ao invés da *peace by peaceful means* de *Galtung*.

O american way of life e a exceção cultural francesa

Na reunião anual em Paris do clube das grandes empresas de mídia, sediada em NY, o governo francês empenhou-se na defesa da sua política de *exceção cultural*. *Lionel Jospin* julga que é fator essencial a *diversidade cultural*. Para ele, nada seria mais perigoso que o universo em que globalização rimasse com uniformização¹⁶. Na ocasião, o sociólogo *Pierre*

¹⁶ FSP, 17/10/99, pág 5.8

*Bourdieu*¹⁷, no mesmo diapasão que conduz à legitimação da *exceção cultural*, pergunta aos presentes: *vocês têm domínio de seu domínio? O que podem as proteções jurídicas do audiovisual relativas às cotas de difusão?* E se pergunta sobre o que quer dizer cultura no contexto de globalização, submissa às leis do comércio? Ressalta o fato de *Joyce, Faulkner, Kafka, Becket* ou *Gombrowiz*, embora sejam *puros produtos* da Irlanda, dos Estados Unidos, da Tcheco-Eslováquia ou da Polônia, terem sido *feitos em Paris*... Também numerosos cineastas contemporâneos não existiriam, segundo ele, sem essa *internacional literária, artística e cinematográfica cuja sede social é Paris*. Trata-se, segundo *Bourdieu*, de luta entre a potência comercial, que pretende estender ao universo os interesses particulares do comércio, e dos que o dominam, e a resistência cultural, fundada na defesa das sobras universais, produzidas pela internacional desnacionalizada dos criadores, isto é, Paris.

A posição de *Bourdieu* quer nos induzir a permanecermos, embora com nuances, em raciocínio bastante problemático, preso à dicotomia: culturas nacionais x mundialização. Seria esta a via a mais adequada para evitarmos a uniformização cultural do mundo? Esta partilha de domínios culturais, na melhor das hipóteses, é ambígua. Há certo vício de origem *metropolitana*, que *Bourdieu* parece apegado. No outro extremo, seu contemporâneo, *Vincent Tournier*¹⁸, pensa que a simples explicação do mercado é fácil demais para a predominância da cultura norte-americana: *por mais que desagrade ao nosso orgulho nacional, é forçoso reconhecer que é do outro lado do Atlântico que hoje se dá a criação cultural, cuja denúncia, já ritualizada, conserva, permanentemente candente, a xenofobia mais desprezível. (...) sociedade americana consegue exprimir com força notável os valores e as referências universais, jogando com problemáticas e registros simbólicos, em que todo o mundo, ou quase, consegue se reconhecer. (...) A cultura francesa tem dificuldade em dirigir-se ao resto do mundo porque não consegue mais extrapolar seus contextos nacionais, ultrapassar raciocínios e valores que não têm significado nenhum fora da França*.

Para ficarmos no fluxo de enfrentamento mais fértil da questão no contexto francês, julgamos oportuna a referência ao espetáculo *Paradis*. A companhia francesa *Montalvo-Hervieu* nos mostra que a integração dinâmica de culturas não só é condição inevitável na sociedade globalizada, mas motivo de júbilo estético. Como desdobramento dessa última postura, que julgamos a correta, temos o território sem fronteiras, com passagem de uma cultura a outra, fluindo em linguagem híbrida, ao invés da ridicularizada exigência do uso de língua francesa nos *websites* internos.

¹⁷ idem

¹⁸ TOURNIER, Vincent. Bourdieu ou a cultur das elites. In: FSP 7/11/99, págs. 5.11.

A mundialização de *double face*

Eis que somos desafiados a trabalhar com novas categorias, no momento em que as tecnologias de comunicação e informação fazem porosas as fronteiras, desterritorializam relações, operam autêntico cataclisma geopolítico, como nunca antes ocorrera. Por elas passam grandes capitais, ondas migratórias, narcotráfico, identidades clandestinas, mas também novas solidariedades. Circulam novos fluxos de relações, sobrepassando identidades, tornando defasado o multiculturalismo, indo bem além da tolerância, tão impregnada de liberalismo, como também ficando aquém, na intolerância de formas exacerbadas de nacionalismo, de fundamentalismo, de relativismo.

O chamado processo de mundialização, decorrente da intensificação das comunicações no âmbito da economia, da política, da cultura faz com que, potencialmente, tudo exista em rede. Em seu trajeto hegemônico, opera a simplificação cultural no sentido forte e negativo do termo. É indiscutível a tendência à uniformização da *cultura de massa* ou o que se segue, a *cultura de consumo* na aldeia midiática global, com a *macdonaldização* e a emergência da geração MTV mundial. Mas deve-se registrar a não exclusividade do discurso hegemônico controlador, mais do que disciplinador. Há mundialização de *double face*, que comporta também a exigência de viver e de viver melhor. Pela mesma via, potencializada pela comunicação barateada, circulam alternativas, a configurar, embrionariamente, *sui generis* sociedade civil mundial, sem a contrapartida da soberania estatal, o que tem sido pouco enfatizado e negligenciado em algumas análises. É a *terra-pátria* de que fala *Edgar Morin*¹⁹. Das rachaduras do sistema, brotam novas liberdades, que desestabilizam, em algum grau, o que é predominante. Elas nos proporcionam conexões imprevistas, reprocessamento de informações, requalificação de distâncias geográficas, tipos de representações, que repercutem de maneira fértil na configuração sinuosa de novos fluxos de sociabilidade desterritorializada. Transformam-se, em nosso cotidiano, realidades em virtualidades e virtualidades em realidades, do mundo ao nosso alcance. Segundo a *boutade* de *Martin Buber*, é no corpo da mãe que o homem conhece o universo; com o nascimento esquece-o. Hoje, poderíamos falar da experiência fractal, no sentido de que na vida de cada nação, mas também de cada indivíduo, há mundo presente, em proporções variadas, sem que regridamos à condição fetal ou nos tornemos o viajante clássico. Como no holograma, de que fala *Morin*²⁰, cada indivíduo contém a informação do todo,

¹⁹ MORIN, Edgar e KERN, Anne Brigitte. *Terre-Patrie*. Paris, Seuil, 1993.

²⁰ Idem, *ibidem*, pág. 33.

e cada indivíduo recebe ou consome informação e produtos vindos de todo o universo. A flutuação ou a navegação se faz a partir do próprio *oikos*.

O ágora em rede desterritorializada: o mundo pós-contratual

Cabe a grande questão, ligada à perspectiva democrática: o novo *ágora*, subsistirá uma vez desterritorializada a *polis*? Em tal perspectiva, a democracia, tendencialmente, passa a se expressar e a se cartografar pela fluidez de imprevisíveis linhas de resistência de subjetividades, pontuadas por singularidades dinâmicas, porque abertas. O planeta é a forma da qual não me isento. *Eu e minhas circunstâncias* somos o conteúdo. Democracia, então, ao invés de definir-se tão só como regime político, afirma-se como formação social na criação de direitos.

A categoria de *mestiçagem* é a senha que nos dá acesso a este mundo pós-contratual que, em *Foucault*, estende-se até à subjetividade libertária. A capacidade de amizade, instaura o quadro relacional de constantes recriações individuais e coletivas, embebidas do prazer de se vivenciar uma autêntica obra de arte. Com esta metáfora revisitada, endereçamos nosso raciocínio para processos alternativos de sociabilidade, enriquecedora porque impura, feita de bricolagens, colagens, reutilizações, desvios e misturas insólitas, colcha de retalhos, diria *Deleuze*, tendo como visibilidade dinâmica o coletivo heterogêneo, enquanto rede cosmopolita. Estamos indo além do postulado da democracia multicultural, cujos limites a realidade norte-americana e européia ocidental experimentam. O *modelo assimilacionista* francês e o *modelo pluralista anglo-saxão* estão longe de assegurar o exercício de cidadania plena aos migrantes. Ademais, vimos desfazerem-se, nesta década de 90, os estados multinacionais da Iugoslávia, da Tchecoslováquia, da URSS. Na Bélgica, as tensões entre flamengos e valões permanecem, enquanto na Espanha a reação basca aterroriza. A Rússia pós soviética ainda não encontrou sua própria definição territorial de modo pacífico etc.

Mestiçagem nos espaços intermediários: vivo é o que vive entre o que vive

A metáfora da mestiçagem é aqui assumida isenta do pressuposto de mistura do que é originalmente puro. Interessa-nos a referência a espaços intermediários, interstícios, espaços *in between*, *in among*, onde se desenvolvem novos modos de pensar, de viver, novas formas de existência não confinados, muito bem informados e participativos. Na posição intermediária de acesso ao mundo, que vem a nós e nós, que vamos a ele, tudo flui, conflui, reflui e influi, e a história se abre em leque, de modo sumamente criativo. Caberia aqui o jargão de *Jão Cabral de Mello Netto*: *vivo é o que*

vive entre o que vive. Vemos e somos vistos, ouvimos e somos ouvidos, caminhamos e somos encaminhados para mais longe, e o que está longe torna-se próximo, como antes apenas na literatura de ficção ocorria.

A federação como multiplicidades mestiças

A federação, enquanto multiplicidade conectada de povos, potencializa tais intercâmbios de experiências *between* e *among*. Aponta para as relações fora da escala do idêntico, fora da coleção de estados soberanos, com mútua tolerância. Os povos federalizados, enquanto *multiplicidades mestiças*, a cada instante, reconstroem-se, sem fixação possessiva em preservações étnicas, nos moldes de fundamentalismos de várias vertentes: os que nos escandalizam, porque nos surpreendem; e aqueles que se banalizaram, com os quais convivemos e os disfarçamos. Por aí esboroam-se nacionalismos como única referência para o exercício da cidadania, a qual se desterritorializa, planetariza-se, sem se tornar abstração, sem a queda no anonimato. A *amicitia*, bem concreta, tenta recompor o desenho comunitário, que não se prende a identidades, consagradas em tratados, firmados entre estados, contratos, firmados entre pessoas. A *ágape* cristã passa, nessa perspectiva, pelo corretivo de operar mais na prática do que no discurso.

Em Identidades Assassinas, Amin Maalouf, romancista e ensaísta libanês, exalta o plurilinguismo, o intercâmbio cultural. Reivindica o direito de escolher elementos de diferentes culturas. É reticente à idéia de diálogo entre representantes de grupos culturais, não se sentindo representado. Não acredita que o mundo esteja dividido em compartimentos culturais que dialogam.

Mensagens e representações circulam pela mega-rede, sujeitas a múltiplas traduções, interpretações, assimilações. Há décadas atrás, havia noticioso de rádio na França, em que, aos sábados, o convidado do dia selecionava e ancorava o programa. Convidado, *Jean Luc Godard* sentiu-se assoberbado diante da mesa abarrotada do que agências noticiosas traziam para a redação. Falou de Vietnã, com o som de bombardeios americanos; da China, ainda não aceita na ONU, com trilha sonora de flauta chinesa; do racismo, com a gravação de improperios; das mortes sob rodas, com o ruído dos desastres. No decorrer do programa, outras notícias foram dadas, mas repetiram-se, a cada 5 minutos, a trilha sonora de bombas, a significar que naquele espaço de tempo os EUA haviam despejado sobre aquele povo asiático toneladas de explosivos; os improperios, a cada tantos minutos; a flauta chinesa; freadas de carros, durante a hora reservada ao grande cineasta, para noticiar o que para ele estaria ocorrendo no mundo. Eram ruídos que

embebiam as notícias e nos levavam ao terreno reflexivo e crítico. Hoje, certamente, haveria muito lugar para dar destaque ao aniversário da cadela de *socialite* carioca, que reuniu o *high society* do Rio na comemoração, cantando em coro parabéns, à base de *au-au-au*. O importante é que a imprensa mundial noticiou o fato, pela originalidade. É o lado do desvelamento da realidade de que é capaz o mesmo meio de comunicação, que busca encobri-la.

Em suma, os meios de comunicação nos mundializam de várias formas, .somos mantidos *a par de*, nos colocam *dentro de, em relação com, disciplinados ou controlados por, mas também livres de*. Na aceleração de intercâmbios, muitas vezes se associam referências à mestiçagem como sinônimo de *melting-pot*, uniformização, em anteposição a multiculturalismo. Buscamos redefinir a metáfora da mestiçagem, dando-lhe a conotação democrática que não nos parece recobrir anonimatos, massificações. A mestiçagem das culturas certamente aponta para fenômenos diversos, desde o período da expansão colonial. O que aqui buscamos colocar em destaque é a possibilidade de desnaturalizar pertencas no exercício da cidadania planetária, isenta de unilateralismos étnico-ocidentais, como os que estivemos sujeitos, todos os colonizados. O local e o nacional não se encontram negados, mas redefinidos. Esta mestiçagem revisitada, atijada pelas TCI, tem muito de utópico. Não obstante, na atualidade, a presença de alguns de seus componentes na relação dos povos nos dá base objetiva para sermos otimistas. Os meios de comunicação concretizam algumas destas possibilidades. Admitamos que começa a estar ao nosso alcance cuidar desta tenra erva mestiça, que brota das rachaduras da globalização. Não significando apenas uniformização, massificação, pasteurização, tampouco multiculturalismo, relativismo, tolerância, a mundialização tem chance de ser o contrário de tudo isto, que ainda predomina. Isenta-nos do veneno da intolerância, como tampouco se identifica com o artifício compensatório da tolerância. Entre as impostas verticalidades identitárias e as criativas horizontalidades embebidas do prazer da convivência na paz, no mínimo nos defrontamos com transversalidades desestabilizadoras da ordem atual.